

INTERPRETAÇÃO DA «BATALHA»

POR UM ITALIANO

Maravilhosa terra de Portugal!... Para onde quer que se lance a vista, o coração enche-se de canto. De um canto melancólico e doce quasi como os dos fados que as mulheres cantam, enquanto lavam a roupa, na margem dos rios, ou os jóveis cheios de esperança que vivem a nostalgia da passada grandeza. Adensam-se, ao longo das estradas, as florestas de pinheiros donde os navegadores extraíram seus lenhos percorredores de oceanos, erguem-se as alturas das serras ricas de horizontes abertos, espraia-se as costas à viração ampla do Atlântico que as abraça com ondas alterosas, desenrolam-se as margens fluviais floridas de rosas e de camélias. E flores, vês tu por toda a parte: nos jardins cuidados religiosamente, nos campos ridentes, nas canastras das mulheres que de manhãzinha giram oferecendo-as com seus pregões cantantes, nos mercados a que elas dão uma nota garrida. Doce terra: doce como uma carícia e triste contudo pela sua beleza inexprimível.

Mas encontras aqui e ali os sinais duma rudeza que imediatamente te faz lembrar a índole deste povo extremamente gentil e, ao mesmo tempo, extremamente áspero: dum povo que soube acompanhar os períodos da sua grandeza com o canto dos seus poetas, que soube exprimir a um tempo a audácia de um Vasco da Gama e de um Magalhães e a sonoridade épica de um Camões. A poesia foi argumento da acção, e estímulo; a acção argumento e estímulo da poesia. «As armas e os va-

rões assinalados...» Onde estavam?... Talvez na sonhada lenda? Talvez nas canções dos aedos que os exaltavam perante o povo, de pai a filho, nas praças cheias de multidão?... Era aí que se batiam sobre as ondas de mares ignotos, que descobriam mundos novos e vias novas para percorrer o mundo!...

Certamente o milagre que esta terra realizou não tem precedentes na história, exceptuando a da antiga Hélade. Com três milhões de habitantes, a Grécia expandiu-se pelo Oriente até fundar, ao mesmo tempo que uma civilização imperitura, um vastíssimo império sobre o cadáver do persa que ela própria abatera. Com três milhões de habitantes Portugal, com uma audácia que quasi toca as raias do irresponsável, se não fosse unicamente heróica, desfaz todas as barreiras e funda fóra da Europa outras civilizações e outros impérios: maravilhosa propagação de Roma da qual elle difunde a língua, os costumes, a religião!...

Não pouca honra para ti, Itália, teres dado, se bem que humildes companheiros — um Pancaldo, um Pigafetta — à expedição de Odisseia de um Magalhães! Não pouca, nem indigna: se a desafortunada empresa dos Vivaldi, que dois séculos antes tinham desaparecido, sabe Deus em que selváticas paragens, podia reviver naquêles que derivaram de Ulisses o nome da sua cidade maior!

Quando se tornará num axioma que esta pequena terra foi a mais fiel ao espírito de Roma, tendo dela herdado a audácia, a nobreza, o instinto organizador?... Quando se conhecerá plenamente como as relações entre este povo e o italiano foram sempre as mais intensas e as mais sinceras e as mais fraternas? E como foram na Idade Média, êstes dois, os unicos povos verdadeiramente navegadores?... Nomes, tanto dum lado como doutro, de grandeza verdadeiramente colossal! Dum lado os Usodimare e os Pessagno, os Colombo, os Vespucci, os Caboto, doutro lado os Dias, os Gama, os Magalhães, os Cabral!...

Mas eu queria falar da rudeza desta gente de que permanecem os sinais no cimo dos montes onde, como guardas dos va-

les e das aldeias em tórno, surgem, sentinelas recortadas no azul do céu, os castelos: sentinelas ainda hoje do espírito livre, do livre sonho que nenhuma realidade adversa pode sufocar. Também êles foram erguidos pelo povo de mão calosa afeita à enxada e ao remo e à espada, e te escoltam do alto para a apoteose marmórea da pátria: o monumento supremamente grande da Batalha.

Encontra-lo quasi sem dares por isso; chegas junto dêle sem te advertires da sua presença: assim como desta gente, que sentes tam humilde, te encontras, de repente, em frente dum heróico orgulho de que quasi não suspeitas na senhoril cortesia com que te acolhe. Dote, em suma, dos fortes: gentileza sem servilismo, grandeza sem insolência.

O artista que concebeu uma tal mole foi antes de mais nada um grande psicólogo; quere dizer um grande poeta. Que profunda intuição da alma da sua raça deve ter tido êle para construir uma massa tam imponente numa depressão do terreno, de forma que de longe se apercebessem apenas as agulhas?... As agulhas: isto é, os cumes do ânimo dêste povo ansioso de altura e de aventura, mas pudicamente radicado ao solo da sua terra quasi de forma a que ninguém possa descobrir o profundo liame. Sonho e acção ainda mais uma vez unida: ainda mais uma vez, heroicidade e poesia.

Encontras-te diante do poema mais sincero que jamais a pedra soube exprimir. Sucedem-se os pórticos e as colunas, os tímpanos e os arcos, as capelas e os claustros. Dormem nas brancas arcas seu sono eterno os reis conquistadores e as rainhas de suave beleza e alta corôa lhes adorna as frentes imóveis. E o esferoide da Terra dominada e o daquela ainda para dominar são um dos motivos principais do ornato juntamente com o cordame: o cordame dos navios gloriosos que por tôda a parte se enlaçam como a encadear o destino. O agudo do gótico lança-se como a querer alcançar o céu; o complicado do manulino enreda-se como a querer prender nas suas malhas tôda a terra. E o mar faz sentir o seu arfar na sonoridade das conchas que

incrustam cada ângulo; e a Cruz de Cristo domina tudo como razão primeira, o incentivo mais frizante do aventurar-se dêste povo misticamente cristão.

Mas, se os olhos ficam estupefactos e quasi incrédulos perante a audaciosa abóbada da Casa do Capítulo que não se compreende como resiste na sua amplitude ligeiramente convexa e tu recordas o artista — verdade ou lenda — que permaneceu durante tres dias debaixo dela sem se alimentar à espera que abatesse ou se eternizasse, o coração aperta-se ante as Capelas Imperfeitas. Não sei se é a parte mais bela do templo; sem dúvida é a mais simbólica. As poderosas colunas que aí se erguem parecem torres de gigantes que uma força telúrica levantasse da terra à conquista das alturas: semelham os próprios gigantes fulminados e tornados pedra no gesto suberbo. Que fatalidade os fez parar cêrca dum têrço da que devia ser a sua completa estatura? Parece-nos que interveio aqui uma potência superior a impedir a obra orgulhosa. Há neste impeto quebrado tôda a ânsia da raça atirada para as inacessíveis conquistas, o tormento da desilusão. O sonho imperial de Portugal abateu-se contra um destino mais forte do que a sua própria vontade heróica, a obra ciclópica já não encontrou no solo a força necessária para continuar a ascese, o impeto da abordagem quebrou-se obedecendo à lei histórica de todos os tempos. Cumprido o ciclo, alguma coisa se desfaz profundamente no organismo: a ânsia consome-se em si própria, o esforço enche de ar os músculos, o avanço fica interdito para sempre.

Para sempre?...

E contudo há neste templo qualquer coisa que atrai ainda mais do que as próprias Capelas Imperfeitas: o Claustro de D. Afonso V, silencioso, linear, serêno. A alma tem como que necessidade de vir refugiar-se aqui para refazer-se do deslumbramento, em que a magestosa faustosidade de tanta arte a mergulhou. É um claustro onde de bom grado se veriam passar na sombra recolhidas figuras de frades, com um jardim onde uma alma contemplativa poderia permanecer longas horas e discorrer

consigo mesma e com Deus. Apraz à minha imaginação supor que os reis portugueses, depois das luminosas jornadas de glória, viriam aqui para se refazerem e retomar o caminho. Imagino-os aqui, sós, humanamente sentados com a fronte apoiada às mãos, nos momentos da dificuldade e do perigo. Sinto neste silêncio uma força inovadora que pode regenerar os corações: e tem-se a impressão que tôda a voz de Portugal, dos séculos mais longínquos e das gerações mais remotas, se acolheu aqui como que estratificada nêle. É um silêncio que fala. Para ouvi-lo vinham a êste lugar—como os místicos reis ao oráculo das sibilas—os grandes reis do passado. E daqui saiam com a palavra resoluta, pois o espírito da gente falara ao seu coração. Quem passará ainda por êste claustro deserto; que grande figura se espera para nova inspiração?... A voz dos pais não morre enquanto encontra éco no coração dos filhos. E nas veias dêstes rudes navegadores palpita agora uma estranha linfa, fresca como a das árvores primaveris, que se agita e procura espandir-se. O silêncio da Batalha não está talvez para lançar um novo grito: mais alto do que o dos heróis de Aljubarrota?

LORENZO DI POPPA